

## UNS CORPOS, OUTRAS PERFORMANCES, TANTOS DESEJOS

Miguel Rodrigues de Sousa Neto\*

### Resumo

Objetivo problematizar os processos de normalização dos corpos, das performances de gênero e das práticas eróticas, notadamente a partir das experiências contemporâneas e do campo dos Estudos Gays, Lésbicos e Transgêneros.

**Palavras-chave:** Corporalidades. Performances. Eróticas.

### Abstract

The objective is discuss the standardization processes of bodies, gender performances and erotic practices, especially from contemporary experiences and field studies Gay, Lesbians and Transgenders.

**Keywords:** Corporeality. Performs. Erotics.

Do meio-dia no meio do tiroteio/ me deu receio do feio que veio lá  
de ficar velho no meio do mundo inteiro/ me deu receio da bomba que vou soltar

*Luz Vermelha*, cantada por Elza Soares,  
de Kiko Dinucci e Clima.

No terceiro dia, o navio afundou.

*Mergulho II*, Caio Fernando Abreu.

### UM LUGAR, UMA PRÁTICA, UMA INTRODUÇÃO.

Este artigo tem sua origem em fala homônima apresentada na mesa-redonda *Corpo & Sexualidade*, integrante da programação do *III Seminário de História & Cultura: Gênero e Historiografia*, realizado pela linha de pesquisa História e Cultura do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia nos dias 16 a 18 de setembro de 2015. Em alguma medida, é minha pretensão manter

---

\* Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor Adjunto do Curso de História do Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Coordenador do Laboratório de Estudos em Cultura & Diversidade, Política & Sexualidade e líder do Universo Dialógico – Grupo de Pesquisa em Cultura, Política & Diversidade. E-mail: miguelrodrigues.snetto@gmail.com.

uma linguagem próxima daquela usada na oportunidade, sobretudo no que se refere à negação de um processo de higienização da fala e da escrita, tão comuns à academia. É a opção que faço e explícito nestas primeiras linhas.

A população formada por gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros tem sofrido, historicamente, no Brasil, significativa violência. Os relatórios produzidos pelo Estado brasileiro apontam para um número crescente de violações aos direitos dessa população,<sup>1</sup> e grupos que há décadas tentam produzir, apesar das dificuldades, esses dados, como o Grupo Gay da Bahia, indicam o fato alarmante de que um integrante deste diverso grupo social é assassinado a cada 28 horas no país.<sup>2</sup>

Essa violência tem sido objeto de ações continuadas dos movimentos sociais organizados; precariamente, ainda; em outras desenvolvidas pelo Estado, notadamente pelo poder Executivo, por meio de seus Ministérios e Secretarias; pelo poder Judiciário, a partir de interpretações mais progressistas que tem feito dos códigos legais. No que se refere ao Poder Legislativo, há uma pequena parcela de representantes eleitos que atuam com vistas a alargar o acesso a direitos por parte dessa população, raros casos em que há uma atuação mais direta a seu favor,<sup>3</sup> e, infelizmente, uma atuação contrária à população lgbt e aos direitos reprodutivos da mulher que tem se tornado cada vez mais intensa e violenta, especialmente por parte de uma bancada religiosa (sobretudo evangélica, mas também católica), ligada a outros setores conservadores, como as bancadas “do boi” e “da bala”, representantes do agronegócio que expulsa as populações tradicionais das terras e daqueles que

---

<sup>1</sup> SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS. Brasil. Relatório sobre violência homofóbica no Brasil; ano de 2012. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>, consultado em 16 de março de 2016.

<sup>2</sup> SARDINHA, Edson. Um homossexual foi morto a cada 28 horas no Brasil em 2013, diz pesquisa. *Congresso em foco*. 14 de fevereiro de 2014. Disponível em <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/relatorio-aponta-312-homossexuais-brasileiros-assassinados-em-2013/>, consultado em 15 de outubro de 2015.

<sup>3</sup> Na década de 1990, a então deputada federal pelo Partido dos Trabalhadores de São Paulo, Marta Suplicy, foi a responsável por apresentar o projeto de lei nº 1.151/1995, que buscava disciplinar a união civil entre pessoas do mesmo sexo, que não foi objeto de votação em toda sua tramitação. Desde 2011, entretanto, o principal deputado na Câmara Federal a atuar na promoção de direitos da população lgbt tem sido o Jean Willys de Matos Santos, eleito em 2010 e reeleito em 2011 para o cargo pelo Partido Socialismo e Liberdade.

ambicionam a garantia de uma sociedade cada vez mais armada, mais violenta, arrivista, adepta do “justiçamento”.

A afirmação está aqui colocada no sentido de inserir a violência contra a população lgbt no Brasil contemporâneo em dois campos distintos e complementares: o primeiro, aquele da lgbtfobia construída historicamente; o segundo, no bojo de uma cultura da violência que, se tem suas raízes no início dos mais de cinco séculos de nossa história, tem sua banalização e acirramento a partir do estabelecimento da ditadura recente que vivemos entre os anos de 1964 e 1985. Ambos os aspectos nos auxiliam a compreender nossa imersão atual na intolerância e na violência, experimentados cotidianamente, seja presencialmente, seja por meio das mídias mais diversas, inclusive aquela das novas redes sociais.

Esse traço, o da imersão em uma história do tempo presente, pode ser um elemento de fragilidade da análise que proponho aqui, especialmente pela instabilidade do terreno no qual me proponho a percorrer. Me coloco, porém, nesse campo aberto, movediço, e tento retirar dessa própria condição inspirações teóricas e que me sirvam de apoio.

Não obstante minha imersão na própria temporalidade de ocorrência de grande parte daquilo que objetivo tratar nesse texto (o que já estou fazendo, espero), o lugar social de onde escrevo também é dúbio, na medida em que o faço do espaço reservado da academia, que tem seu próprio *modus operandi*, como já nos lembrou Michel de Certeau,<sup>4</sup> inserindo-me no campo dos Estudos Gays, Lésbicos e Transgêneros, mas em diálogo com os Estudos de Gênero e os Estudos *Queer*, sobretudo no que se refere ao claro posicionamento político deste último, uma vez que, ao escrever, o faço também pela necessidade de que, aqueles que integramos a população lgbt, elaborem interpretações possíveis de nosso lugar social, transmutando-o quando ele não nos comporta. E o lugar da intolerância e da violência não nos cabe.

---

<sup>4</sup> CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História – novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 17-48.

Compreender esses processos de violência nos coloca a necessidade de observar as ações dos grupos sociais no tempo, definida essa espacialidade precária que é o próprio país.

#### UMA TRAJETÓRIA DE NORMALIZAÇÃO E EXCLUSÃO.

Parto de questões que podem ser consideradas, isoladamente, simples. Uma delas pode ser expressa na imagem abaixo, a litogravura *Um funcionário a passeio com sua família*, de Jean-Baptiste Debret, um dos integrantes da Missão Francesa que veio para o Brasil na segunda década do século XIX, após a chegada nestas plagas da família real portuguesa, integrante de sua *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*<sup>5</sup>:



A leitura que faço aqui tem caráter temático apenas: um sujeito de alguma fortuna que sai a passeio com sua família e seus escravos. À frente, abrindo o desfile, está o homem. Ninguém está ao seu lado. Atrás, vêm a prole, a mulher, a mulata, os negros. Ao observar a imagem, considerando que seu autor viveu por cerca de uma década e meia a conjuntura do Brasil monárquico e foi considerado um dos

<sup>5</sup> DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.

principais cronistas do período nestas terras, não é tarefa difícil elaborar a pirâmide social na qual estas personagens estão distribuídas: o homem, este macho rotundo que encabeça a fila, anda altivo porque detém em suas mãos, mais que a vergasta, o poder econômico, político e simbólico sobre aqueles que lhe acompanham na traseira, por ordem de merecimento, talvez, se pensarmos nos herdeiros, na esposa, etc.

Depreendo, não apenas da imagem, mas auxiliado pela larga bibliografia sobre mundo colonial das terras brasis e suas diversas herança, que se trata de uma terra fundada na violência da exploração escravista, na submissão ao poder e vara do patriarca. Nossa cultura, naquilo que é hegemônico, traz da colônia traços sexistas, machistas, classistas, racistas. Fundados na violência portuguesa presente no ato de submeter as populações ameríndias, posteriormente agregada àquela de submeter os africanos e africanas que para cá foram trazidos, dando poder ao rico e excluindo o pobre, nos formamos.

A manutenção do escravismo como base da economia colonial e, posteriormente, monárquica, serviu para tornar comum aos olhos brasileiros os tipos distintos de violência de base racista e classista. Uns, a partir de cor da pele, traços e lugar na produção econômica, vivendo menos em razão das condições de trabalho (lembremo-nos dos trabalhadores das minas...), usando andrajos no lugar das roupas, sendo comercializados, perdendo, assim, sua humanidade e se tornando mercadoria. Várias formas de violência enfrentadas pelos mesmos grupos sociais.

O ato sexual, por vezes, foi também utilizado para submeter, por um lado, e para dar prazer a uma das partes, por outro. A violência permeando, mais uma vez, a questão,<sup>6</sup> na medida em que tais atos nem sempre contaram com a anuência de todos os envolvidos, sendo que, em algumas oportunidades, o ato viril de penetrar outrem implica na submissão em si. James Naylor Green já aponta para tal questão em sua *Introdução* à obra *Além do Carnaval*.<sup>7</sup> Não será difícil acompanharmos uma

---

<sup>6</sup> Ver: MOTT, Luiz. *Escravidão, homossexualidade e demonologia*. São Paulo: Ícone, 1988; \_\_\_\_\_. *O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da inquisição*. Campinas: Papyrus, 1988.

<sup>7</sup> Cf. GREEN, James Naylor. *Além do carnaval – a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: EdUnesp, 2000.

trajetória de violência, cada vez mais naturalizada, até os dias que nos são contemporâneos.

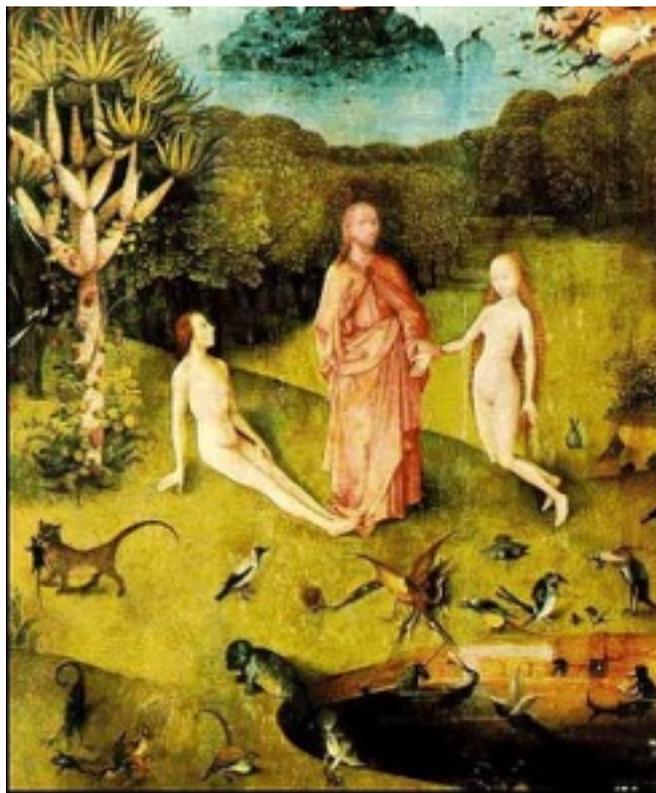
Outra questão a ser abordada refere-se à matriz religiosa que foi aqui instalada a partir do processo de colonização. Com a vinda dos portugueses, majoritariamente e oficialmente católicos, foi instalada nas terras brasis uma cultura religiosa hegemônica, entremeada ao próprio Estado (desde fins do século XV o sistema do Padroado era utilizado na Europa; aqui, ele também foi instalado; desta maneira, uma parte do clero era, na prática, composta de funcionários reais, gente que era mantida pela própria coroa).<sup>8</sup>

Ora, a matriz cristã, de origem abraâmica (assim como o judaísmo e o islamismo), foi responsável (e tem assim se mantido) pela formação e manutenção de uma cultura de aspectos misóginos e violentos no que se refere àqueles que se estabeleceram num campo outro das eróticas que não o da heterossexualidade compulsória, bem como romperam com a díade homem/mulher, tão cara a esta tradição, quando percebemos que a própria explicação cosmogônica está baseada em tal divisão. O tríptico de Bosch, *O jardim das delícias terrenas* (pintado por volta de 1480/90),<sup>9</sup> serve-nos para dialogar com essa tradição, em mais de um sentido. Abaixo, um recorte do tríptico nos apresenta o final da criação, no qual homem e mulher, neófitos, recebem o Paraíso terreno.

---

<sup>8</sup> Ver: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes – formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; LEITE, Serafim. *História da companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro: Portugália/Civilização Brasileira, 1938-1950; HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1992.

<sup>9</sup> ZUFFI, Stefano. *Bosch – The garden of earthly delights*. New York: Antique Collecto-USA, 2012.

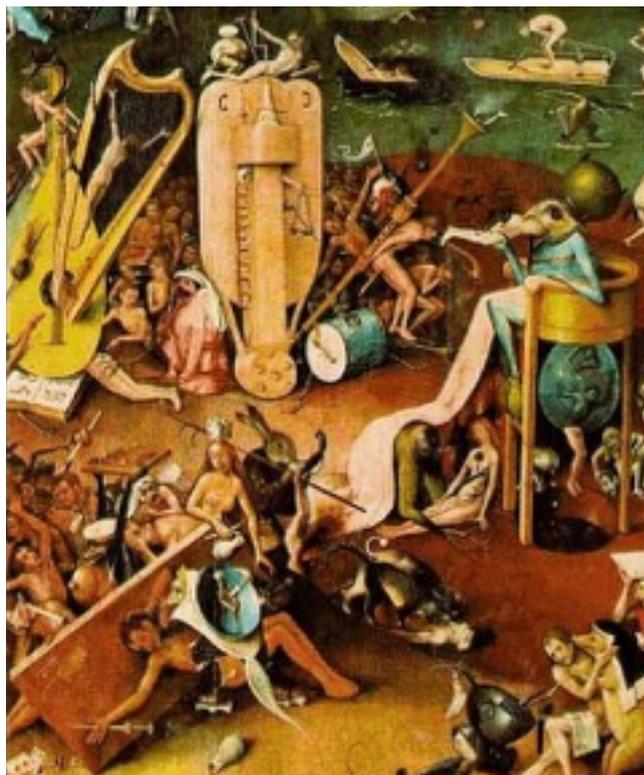


A cosmogonia cristã, presente no cânon bíblico e na tradição que a ele se seguiu, largamente difundida nas terras colonizadas pelos povos ibéricos e tornada compulsória (mesmo na metrópole), estava caracterizada, no que se refere à divisão dos seres e atos eróticos, pela díade homem/mulher, sendo que o homem ocupava/ ocupa uma posição superior, e o ato sexual deveria visar à procriação.

Há a negação de outra forma de enlace que não o heterossexual e de outros atos erótico-sexuais que não aquela cópula chamada de “natural”, ou seja, envolvendo o “vaso feminino” e o “vaso masculino”. Dito de outra maneira, o cânon cristão estabelecido nas terras coloniais estava elabora de maneira a garantir a manutenção da heterossexualidade compulsória e do sexo entre homem e mulher voltado para a procriação, não à obtenção de prazer. Os papéis sociais do homem e da mulher estavam diretamente ligados a esses ideais, ou seja, o homem viril, provedor (“comerás o pão com o suor do rosto”), a mulher servil, destinada à maternidade (“parirás com dor”). O mesmo Bosch nos lembrou que essas normas nem sempre foram seguidas. De seu painel central destaco a seguinte cena:



A luxúria é um dos principais temas apresentados nestas delícias terrenas. Os corpos, lascivos, se amontoam e parece haver divertimento nas ações destes homens e mulheres nus, alguns em posições e atos pouco usuais, como alguém que tem flores colocadas no meio de suas nádegas, se tornando o cu um pequeno vaso. A cena parece ter sido pintada indicando o pecado presente em tais ações, com alusões fálicas, vaginais e de inversão daquilo que era tratado como sendo “natural”, ou seja, próximo dos ditames divinos. A paga por tais prazeres vem na última parte da obra:



Se o paraíso de delícias terrestres recebe uma caracterização leve, com predomínio do verde, cores claras em contraste com pequenos pontos de vermelho vívido, no inferno musical criado por Hieronymus é avermelhado, terroso. Se o cu aparece ligado a algum tipo de prazer, com flores nele, agora vem o suplício, recebendo o orifício anal instrumentos musicais, ao mesmo tempo em que alguns são comidos e defecados por grandes demônios. A instalação da culpa – e da culpabilização – foi uma importante ação desta cultura religiosa que, de forma maciça, tem dado forma à cultura brasileira, que continua culpabilizando e punindo aqueles e aquelas que, de alguma maneira, rompem com os ditames religiosos.

Não obstante isso se dê no interior dos templos religiosos, estas normas têm sido levadas para outros espaços, indevidamente. É provável que o mais escabroso disso seja a maneira como o congresso nacional brasileiro tem se tornado espaço para o crescimento de ideologias fundamentalistas, utilizadas para combater grupos subalternizados historicamente, como os caracterizados por religiosidades de matriz africana, por práticas eróticas e performances de gênero que destoam daquelas expressas no cânon bíblico e em suas interpretações, como as mulheres que fazem

uso mais livre de seus corpos, como a população formada por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.

Além da principal Marcha Evangélica realizada em Brasília em 2013, oportunidade em que os direitos reprodutivos e aqueles da população lgbt foram condenados, os ataques têm sido mantidos. Em 13 de junho de 2015<sup>10</sup> as Frentes Evangélica e Católica realizaram ato na Câmara Federal opondo-se à realização das Paradas LGBT, das Marchas das Vadias e das Marchas da Maconha, bem como à possibilidade de subvenção para realização de tais eventos. A litania permanece a mesma: é pela preservação da família (como se houvesse apenas uma, apenas um modelo de família...) que esses sujeitos se voltam contra uma parcela da população – gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, mulheres que se arvoram a serem donas de seus corpos, aqueles que entendem ser legítimo fazer uso de determinadas substâncias... Os discursos são marcados pelo ódio. E isso não é nenhuma novidade nestas plagas.



<sup>10</sup> SANT'ANNA, Emílio. Deputados usaram fotos dos EUA para protestar contra gays no Brasil. *Folha de S. Paulo*. Poder. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/06/1641691-deputados-usaram-foto-dos-eua-para-protestar-contragays-no-brasil.shtml>. A fotografia acima, de Pedro Ladeira, foi retirada desta mesma matéria.

Na formação deste país temos uma base religiosa muito importante, forte, pesada. Mas ela não é a única responsável por construir um conjunto de imagens negativas acerca da população lgbt, nem da violência que ela é obrigada a suportar. Na passagem do século XIX pro o século XX houve a superposição de conjuntos de práticas de exclusão que, se antes estavam baseadas em apenas justificativa, religiosa, passa a contar com outros elementos. A adúltera recebe a pedrada, porque o adultério é pecado; o homem que se deita com outro homem, recebe a pedrada porque é pecado. O cânon bíblico assim instrui.<sup>11</sup> O que poderia ser agregado como justificativa para violência, perseguição, exclusão?

Na segunda metade do século XIX viu-se explicações marcadas pela cientificidade para os fenômenos sociais. Esses sujeitos, esses “outros” que fogem à norma, precisavam, então ser explicados de outra maneira. O século XIX foi um período extremamente relevante no que se refere à cientificização de nossa sociedade, a Ocidental. Para nós, historiadores, é o período de transformação do discurso histórico em um discurso científico, podendo disputar espaço com outros que assim se caracterizaram. Ainda hoje apontamos para a relevância de esforços como os de Langlois e Seignobos no processo de elaboração de um “método” para a História, imprescindível para uma ciência.<sup>12</sup> O campo dos estudos do comportamento humano e sua psique também foram alargados. Um dos principais responsáveis pela elaboração de uma taxonomia dos desvirtuamentos foi o psiquiatra Richard von Krafft-Ebing, com sua *Psychopathia Sexualis*, de 1886.<sup>13</sup> No Brasil, a exemplo de outros países, a o campo médico-legal foi o responsável por esta tarefa.

É interessante ressaltar o fato de que o Código Penal brasileiro de 1890 não criminalizava as homossexualidades. Entretanto, uma maneira de punir esses desviados seria encontrada na figura jurídica do “atentado ao pudor”, especialmente destacados em seus artigos 266 (significando atentar contra o pudor [...] por meio de

---

<sup>11</sup> Ver, da *Bíblia* dos cristãos, o livro do Gênesis, capítulo 19, versículos 1-29, e o Levítico, capítulo 20, os versículos 8-27.

<sup>12</sup> LANGLOIS, Charles-Victor & SEIGNOBOS, Charles. *Introdução aos Estudos Históricos*. São Paulo: Renascença, 1946.

<sup>13</sup> KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia Sexualis*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

violência ou ameaças, com o fim de saciar paixões lascivas ou por depravação moral) e 282 (que agregou os atos de incontinência, desregramento ou impudicícia, as palavras e os gestos obscenos, quaisquer exhibições escandalosas [...] contrários ao decoro público e aos bons costumes), e ainda os artigos 379 (disfarçar o sexo, tomando trajas que não o do seu) e 399 (exercer profissões que feririam a moral e os bons costumes, a exemplo do proxenetismo e da prostituição).<sup>14</sup>

João Batista Mazzeiro ressalta a ação contínua de juristas e médicos (psiquiatras, sobretudo, mas também endocrinologistas) de transformação de um tipo de ato erótico em algo sadio, aquele havido entre um marido e sua mulher, e aquele que era doentio, ou seja, aquele que diferia da heterossexualidade compulsória e monogâmica. Além da ideia de doença, havia uma ligação destes sujeitos a lugares e atos marginais e de tendência criminosa.<sup>15</sup>

Assim, a partir de obras como as de Krafft-Ebing, as sexualidades distintas da heterossexualidade, bem como as performances de gênero diversas daquelas que igualavam o pênis ao homem/masculino e a vagina à mulher/feminino, foram sendo aproximadas rapidamente, ao perigo, à loucura, à marginalidade; aos espaços escuros, insalubres, doentios.

Francisco Ferraz de Macedo defendeu em 1872 a tese intitulada *Profilaxia da Sífilis*,<sup>16</sup> seguido por Viveiros de Castro, com seu *Atentados ao pudor*, de 1895,<sup>17</sup> Pires de Almeida, em 1906, com seu *Homossexualismo*,<sup>18</sup> Leonídio Ribeiro, em

---

<sup>14</sup> CÓDIGO PENAL DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL. Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, 1890.

<sup>15</sup> MAZZIEIRO, João Batista. Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos - São Paulo 1870/1920. *Revista Brasileira de História*. 1998, vol. 18, n. 35, p.247-285. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01881998000100012>, consultado em 18 de março de 2016.

<sup>16</sup> MACEDO, Francisco Ferraz de. *Prophylaxia da Syphilis: da prostituição em geral, e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Acadêmica, 1873.

<sup>17</sup> CASTRO, Viveiros de. *Atentados ao pudor – estudo sobre as aberrações do instinto sexual*. Rio de Janeiro: Livraria Moderna, 1895, notadamente p. 179ss.

<sup>18</sup> PIRES DE ALMEIDA, José Ricardo. *Homossexualismo (a libertinagem no Rio de Janeiro)*. Estudos sobre as perversões e inversões do instinto genital. Rio de Janeiro: Laemmert, 1906.

1930, com a obra *Homossexualismo e Endocrinologia*.<sup>19</sup> O sexo biológico, se macho ou fêmea, transformado em versões únicas de homem e mulher, de masculino e feminino; assim, foram relacionados, de maneira imediata, compulsória. A vitória do discurso científico que buscava na idealização da natureza sua fórmula de normalidade. Os sujeitos desviantes desta norma foram, obviamente, tratados de maneira distintiva. Não era mais o caso de se arrumar feixes de madeira e depositar sobre eles os anormais, ateando-lhes fogo, como na passagem do medievo para a modernidade. Não são mais bruxas a serem queimadas. Agora, o laboratório, o cárcere.

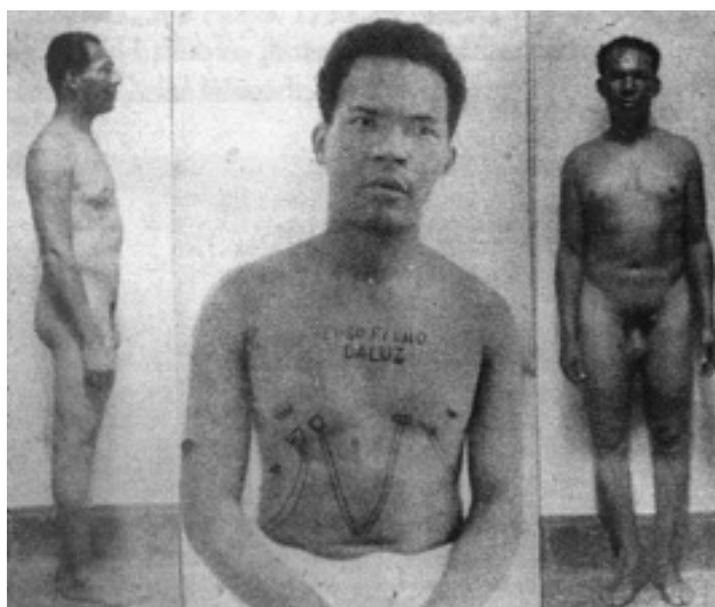
As imagens abaixo são importantes para compreendermos esse processo. Ambas foram retiradas da belíssima obra de João Silvério Trevisan, *Devassos no Paraíso*.<sup>20</sup> Publicado originalmente em 1986 e tendo recebido uma terceira edição revista e bastante ampliada, esse ensaio histórico-sociológico continua sendo uma das principais obras acerca das homossexualidades nas terras tupiniquins, em grande parte pelo laborioso levantamento de fontes realizado por Trevisan. À esquerda, retirada dos *Archivos de Medicina Legal e Identificação* (Revista do Instituto Médico-Legal do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro que circulou entre 1931 e 1940; foi dirigida por Leonídio Ribeiro) estão dois sujeitos do sexo masculino que, segundo a legenda que lhe foi inserida (que trago aqui no texto, em razão do seu diminuto tamanho), diz respeito a “dois homossexuais com evidentes caracteres sexuais femininos”. À direita, em fotografia retirada da revista *Arquivo de Identificação e Polícia*, Zazá e Tabu, homossexuais estudados pelos alunos do Instituto de Criminologia de São Paulo. Indivíduos retirados de seu convívio social para se tornarem objeto de estudo da criminalística brasileira.

---

<sup>19</sup> RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e endocrinologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938, especialmente p. 85ss.

<sup>20</sup> TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3 ed. ver. ampl. São Paulo: Record, 2000. As imagens aqui utilizadas encontram-se na página 250 desta obra.

Entretanto, nenhum caso recebeu atenção como aquele de Febrônio Mulo do Brasil. Acusado em 1927 de assassinato antecedido de abuso sexual de um jovem, depois de diversas passagens pela polícia, em geral por pequenos furtos, Febrônio foi objeto de análise da medicina-legal e, posteriormente, de seu encarceramento.



Estas imagens foram retiradas por Trevisan também dos *Archivos de Medicina Legal e Identificação*. O homem de (então) 32 anos esquadrihado por endocrinologistas, psiquiatras, juristas. Sua bacia larga e gordura no peito sendo indicados como elementos de disfunção hormonal que o aproximariam de aspectos femininos. Isso juntamente com uma mente doentia – homossexual – teriam sido capazes de transformar Febrônio em um assassino. Porém, sendo um doente

(homossexual), não caberia ao Estado enviá-lo para a prisão. Foi enviado ao Manicômio Judiciário, onde passaria o resto de sua vida, vindo a morrer, encarcerado, em 1984, aos 89 anos de idade.

O que houve, assim compreendo, foi a superposição de justificativas para a exclusão, não a substituição de uma (religiosa) por outra (de aparência científica). O discurso religioso permanece: ainda hoje figuras que fogem daquilo que se transformou em norma, essa heterossexualidade compulsória, por não serem heterossexuais ou não tornarem imediata e obrigatória sua performance de gênero ao seu sexo biológico, recebem a pecha de pecadores. E, além disso, a partir do final do século XIX esses sujeitos começaram a ser chamados também de anormais. Eles foram tratados como anormais.

Essa construção social do sexo, das eróticas e das performances de gênero assume um lugar central em nossa cultura, para tomar de empréstimo o termo de Raymond Williams,<sup>21</sup> há aí um aspecto hegemônico da cultura Ocidental, e especialmente, nessa análise, da brasileira. Assim, não por acaso, as mais variadas instituições desta sociedade, família, escola, etc., apresentam-se como mantenedoras e propagadoras de tais aspectos.



A tira de Laerte Coutinho, disponível na página oficial da artista ([larte.com.br](http://larte.com.br)), faz rir dessa cultura que tolhe, que oprime. E, ao fazer rir, questiona, torna estranho, nos levando a pensar se é mesmo assim. E parece que a quadrinista não se equivocou em sua assertiva. Desde a infância temos sido levados, pelas

<sup>21</sup> WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. *Revista USP*, n.º 65, mar./ mai. 2005, São Paulo: USP, p. 210-224.

famílias e demais instituições a usar uma vestimenta que, por vezes, nos amarra a algo poderíamos não ser, impedindo que outras performances sejam experimentadas.

Inúmeras vezes, a família, ao deparar com a sexualidade que foge à heteronormatividade por parte de seus filhos, sobretudo pubescentes, adolescentes e jovens ainda sob seu auspício econômico, busca o auxílio das religiões (a ideia de pecado) ou de especialistas – psicólogos, psiquiatras ou psicanalistas –, acreditando que se trata de um desvio, uma doença. Encontrando um profissional próximo do “militante, padre ou pastor”, esse jovem passará por “maus bocados” até encontrar uma forma de esquivar-se de algum tratamento de “cura” da homossexualidade. A família, portanto, para além de construir/manter o modelo heteronormativo em seu interior, a partir mesmo da construção de papéis sociais no seu interior (o pai/homem provedor ou chefe da casa, a mãe/mulher carinhosa, frágil, dada a determinadas tarefas no interior do lar, o filho/homem que deve seguir os passos do pai, a filha/mulher que deve espelhar-se na mãe, etc.), busca reafirmá-los e enquadrar os jovens nesses modelos, a partir dos vários profissionais disponíveis.

Isso não impediu outras experiências. Houve e há subversão da norma. Podemos pensar em todas as possibilidades nas quais temos um protagonismo feminino, ou em figuras que conseguiram romper de alguma maneira com esse processo de submissão mais acentuado. Há que se considerar, entretanto, que em algumas oportunidades no processo de inversão desta correlação de forças, há um adendo de masculinização: alguns sujeitos, não sendo homens, para assumir uma posição de protagonismo, acabam por assumir uma postura masculina.

No que se refere às eróticas, há que nos lembrarmos das obras de João Silvério Trevisan, *Devassos no Paraíso*,<sup>22</sup> e de James Naylor Green, *Além do Carnaval*.<sup>23</sup> Os dois autores apontam para o mesmo aspecto: apesar de todo o controle exercido pela família, pelas Igrejas, pela polícia, pela ciência, os encontros homoeróticos ocorreram e continuam ocorrendo. Às escondidas, em lugares

---

<sup>22</sup> TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso*. Op. cit.

<sup>23</sup> GREEN, James Naylor. *Além do carnaval – a homossexualidade masculina no Brasil no século XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

marginais, no morro, nos cemitérios<sup>24</sup>, às claras, nas ruas, nas casas, eles ocorreram e ocorrem. É importante ressaltar esse fato, uma vez que uma parcela desta população que nos interessa é definida exatamente por seu desejo, por sua erótica.

Encontraremos mais relatos e trabalhos sobre as homossexualidades masculinas, havendo, ainda, uma lacuna sobre as lesbianidades. Sobre as travestilidades, mesmo que os autores acima nos lembrem que já na passagem do século XIX para o século XX algumas dessas personagens pudessem ser vistas em grandes centros urbanos, em especial no Rio de Janeiro, fossem estrangeiras ou brasileiras, elas estão, sobretudo, no Teatro (especialmente nas revistas). Elas permaneceriam ali durante os anos 1960/1970. Nos anos 1980, começariam a aparecer em outros veículos.

O que estou tentando clarear é que, se temos um efetivo processo de construção de modelos masculinos e femininos, ligados ao sexo biológico, nós também tivemos o enfrentamento destes modelos e a elaboração de outras experiências.

Mais recentemente nós podemos pensar nos movimentos, em alguns movimentos em especial, como o feminista e, em fins dos anos 1970, o lgbt. O advento da comercialização da pílula contraceptiva foi um dos pilares para que uma transformação no campo dos costumes, incluso os sexuais, se iniciasse, separando o sexo da reprodução. Isso, claro, foi absorvido pelo movimento homossexual brasileiro, em seu nascimento.

No caso do Brasil o movimento lgbt está posto a partir de 1978, especialmente, com a fundação do jornal *Lampião da Esquina*, pensando o *Lampião* como um grupo organizado de intelectuais que visava discutir politicamente as questões ligadas às homossexualidades. Ele não foi o primeiro jornal voltado para o público homossexual no Brasil. O *Snob* lhe antecedeu, ainda dos anos 1960 (era um jornal menor, mimeografado, depois fotocopiado, circulava de mão em mão), juntamente com uma série de pequenos jornais, às vezes de exemplar único,

---

<sup>24</sup> Para citar espaços relatados pelos entrevistados de Neide Duarte em seu belo documentário *Um lugar para beijar*. O filme foi uma iniciativa do Programa Municipal DST/Aids da Prefeitura do Rio de Janeiro, produzido e dirigido por Duarte e disponibilizado a partir de 2009. Encontra-se disponível no sítio de vídeos YouTube.

artesanal, que era passado de mão em mão. A diferença está em que o *Lampião* foi um jornal de circulação nacional e que conseguiu agregar um conjunto bastante razoável de intelectuais da classe média ou abastada, em especial do eixo Rio-São Paulo, contando com figuras como o cineasta e escritor João Silvério Trevisan, o escritor e jornalista e depois autor de novelas, Aguinaldo Silva, que era editor chefe, Antônio Chrisóstomo, Darcy Pentead, João Antônio Mascarenhas, entre outros. O jornal existiu até 1981 quando foi fechado a partir de pressões da ditadura e disputas internas.

Logo após a fundação do *Lampião*, surgiu o primeiro grupo de afirmação homossexual do Brasil, o SOMOS, criado em São Paulo, cuja existência, mesmo que curta, foi um marco para o movimento contemporâneo no país.

O movimento gay brasileiro, pensado como esse conjunto de grupos organizado politicamente, criando um movimento, levou um baque imenso, como em tantas outras partes do mundo, com o advento da epidemia de HIV/Aids. Mundialmente o movimento lgbt sofreu um revés tenebroso. Se, na passagem dos anos 1970 para a década seguinte vimos o *Lampião*, o SOMOS e os outros grupos que foram surgindo, a exemplo do Grupo Gay da Bahia, ainda hoje em atividade, e esses sujeitos dizendo “Nosso corpo é político”, “Nós temos direito ao gozo, ao prazer”, “Nós queremos descentrar a família monogâmica, nuclear e patriarcal”, o que veio depois foi o baque da doença e, por vezes, da morte.

Houve um enfrentamento político muito claro nesse primeiro momento do Movimento Homossexual Brasileiro. E a epidemia levou à morte uma parcela destes indivíduos. E o movimento foi orientado em outro sentido, aquele de cuidar dos seus doentes. O que vimos, portanto, foi uma guinada no próprio foco de ação política de uma parte significativa do movimento e daqueles que lhe eram próximos.

Além disso, o que se viu foi o acirramento de um discurso ultraconservador, o que não ocorreu apenas aqui, sendo intenso também nos Estados Unidos da América, país onde inicialmente a epidemia se desenvolveu. O caráter religioso da intolerância mostrava, mais uma vez, sua face, nas afirmações de que a epidemia era mão da divindade dos cristãos punindo esses pecadores. Houve um revés, um levante conservador, mais um...

Nos anos 1990 o movimento apareceu muito mais marcado pelo mercado. Vimos o surgimento de uma sigla interessante, GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), que foi uma sigla do mercado, referindo-se a bares, boates, etc. O movimento organizado apareceu, sobretudo, a partir das paradas do orgulho gay inicias em 1995.

O que temos visto, entretanto, desde os anos 1990, no Brasil, tem sido o arrefecimento dos movimentos sociais de forma geral e, também do lgbt. Autores como Gilles Lipovetski, Zygmunt Bauman, Richard Sennet e outros tentam compreender esse processo que se estabelece em outras regiões do globo já a partir dos anos de 1970/80. Uma das explicações é o esvaziamento do espaço público, ou, a hiperinflação do privado no espaço público. Há quem diga que o próprio movimento lgbt seria fruto disso, sobretudo ao criticar seu aspecto estético, notadamente as marchas do orgulho.

A partir deste ponto, faço uma inflexão em minhas considerações. Até aqui, tenho apontado para os diversos processos de violência e exclusão da população lgbt por outros setores desta sociedade, a partir de justificativas/matrizas de pensamento várias, especialmente a religiosa e a médico-legal, das quais percebemos claramente os resquícios ou permanências. Há que se ressaltar, entretanto, que, no seio mesmo da população lgbt pode ser percebido um movimento similar, ou seja, aquele de normalização dos sujeitos. Não seria impensado que a população lgbt incorporaria esse mesmo ato, o de tornar padronizadas determinadas ações, certos modos, algumas imagens. Poderíamos falar em uma homonormatividade? Talvez.

Seria algo como o que segue: o indivíduo é um homossexual masculino, gay, e segue um padrão, uma norma. Como é que um gay se torna um sujeito legal, interessante, aceito? E no caso das lésbicas, haveria um tipo ideal, um modelo a ser seguido? E uma travesti? E um travesti? Bem, uma primeira constatação é que, na construção de sentidos e lugares na hierarquia social que construímos, a travesti tem ocupado a base da pirâmide. Vamos a outras. Uma delas, é que, tomando produtos voltados para o consumo da população lgbt nas últimas três ou duas décadas, algumas performances e coporalidades têm sido apresentadas de maneira cada vez mais homogênea.



Acima, pode ser vista uma das capas da revista *Junior*, criada por André Fischer, o mesmo do importante *Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade* (originalmente voltado apenas para o cinema, posteriormente aberto a outras artes) e do primeiro sítio voltado para a população lgbt, especialmente formada por homens gays, nos anos 1990, o *Mix Brasil*. Poderia selecionar qualquer das capas desta revista e encontraríamos imagens semelhantes: corpos jovens, viris, adequados ao padrão de beleza internacionalizado pelos desfiles de moda ou nacionalizados pelo culto de uma virilidade brasileira/latina.

São corpos masculinos e masculinizados, higienizados socialmente pela manutenção desta virilidade, mas também pela juventude. Além disso, é preciso apontar para um recorte outro, aquele de classe, na medida em que estes corpos, suas vestimentas e espaços ocupados se resumem, no mais, à classe média. Outras experiências, como a de pessoas lgbt em situação de vulnerabilidade ou integrantes das camadas subalternizadas, se aparecem, é apenas em reportagens, sem que figurem nas capas. Assim, vamos nos modulando a um tipo de homens gays adequados também ao mercado, e fazendo circular essencialmente estes tipos, não

estamos também normalizando, elaborando símbolos que excluem, mas que apontam para a elaboração das diferenças?

E as outras vivências e os outros corpos e as outras performances... permanecem marginais. Aqui, ressalto a existência de outras masculinidades, outras feminilidades, outras etnias, outras gerações. E, na eleição de um corpo masculino, jovem e viril como ideal, talvez lancemos essas outras experiências, esses outrxs sujeitxs, mais uma vez no campo da abjeção.

O *Blog para Mocinhos*, do editor Thiago Silva, trouxe uma postagem que pode nos auxiliar a perceber como se dão as formas de abjeção, em especial daqueles que se tornam efeminados. Trata-se de um fenômeno recente, aquele da utilização de aplicativos para telefones celulares voltados para busca de parceiros sexuais. É comum serem encontrados nos descritores dos perfis afirmações como “Não curto efeminados/femininos”, “Não curto gordos”, “Não curto velhos”. Uma descrição possível seria encontrar um perfil com um corpo torneado deixado entrever e as palavras: “Moreno, alto, masculino, nível universitário. Não curto efeminados/gordos/velhos.”. No *blogparamocinhos* encontramos um descritor assim, só que se volta contra esses sujeitos que não curtem efeminados. O que se propõe é, então, uma inversão, um estranhamento para com esse tipo de construção do abjeto, daquilo que não é capaz de ser um ponto de desejo para outrem a partir dessas modulações pouco heterogêneas elaboradas e consumidas fora da população lgbt e no seio desta mesma população. Aqui o tema abordado é aquele da feminilização, entretanto, outros tantos, como os corpos gordos, magérrimos, mutilados, envelhecidos, não-brancos, e tantas outras possibilidades corpóreas podem sê-lo da mesma maneira.



A diferença é tornada, assim, fator de exclusão, elemento de desigualdade, abjeção, violência, nas trocas eróticas, nos movimentos sociais, no embate social. Laerte Coutinho, em tirinha disponível em seu sítio oficial, já citado, protagonizada pela transgênera Muriel, satiriza as questões colocadas fora e dentro deste grupo social:



### **É POSSÍVEL RESISTIR?, OU, COMO SE FOSSE UMA CONCLUSÃO.**

Para enfrentar essas questões é preciso retomar algumas experiências menos excludentes. Do ponto de vista editorial retomo uma revista surgida em 1994, a *Sui Generis*, editada por Nelson Feitosa, existente até o ano 2000. A revista trazia, não apenas em suas capas, mas também lá, uma possível diversidade, mesmo que

permeada pelos aspectos mais óbvios de que se tratava de um a ser produto comercializado.



As duas capas acima trazem relevantes elementos. A da esquerda, da edição de número 23, graceja com as formas do feminino e do masculino, dificultando a que os leitores cheguem a uma rápida conclusão sobre o que estão vendo, se dois rapazes, duas mulheres, um homem e uma mulher, ou outras performances possíveis. A edição da direita, de número 44, foi objeto de tensão em 1999, oportunidade em que a empresa responsável, Fernando Chinaglia, se recusou a distribuí-la.<sup>25</sup> A solução encontrada foi colocar a revista em um pacote plástico que deixava ver apenas o seu título, cobrindo todo o restante da capa de preto. Não era a nudez, mas a lascividade do beijo o objeto da discórdia. O Código Penal brasileiro de 1890 parecia ter sido colocado mais uma vez em vigor e o beijo fora tornado atentado violento ao pudor.

Um projeto norte-americano pode contribuir para outras corporalidades serem experimentadas num registro que não aquele da abjeção. A fotógrafa Substantia

<sup>25</sup> REVISTA GAY SERÁ recolhida das bancas. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada. 04 de junho de 1999. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq04069928.htm>, consultada em 20 de março de 2016.

Jones tem desenvolvido um largo conjunto de fotografias de corpos adiposos, sensualizados, sexualizados, positivados. Além das fotografias produzidas por ela, o projeto recebe outras contribuições. Destaco aqui uma delas<sup>26</sup>:



É preciso estamos atentos a uma juventude menos lgbtfóbica, menos afeita a estereótipos já gastos pelo tempo de uso e pela falta de diálogo. Abaixo, uma imagem do Bonde das Bonecas, grupo de dançarinxs de funk carioca. São garotos da periferia do Rio de Janeiro, femininos, que produzem suas performances e as veiculam no mundo virtual pelo sítio de vídeos YouTube. Outras classes, outras etnias, outras performances. Atuais.

---

<sup>26</sup> O sítio do projeto, onde estão disponíveis as imagens, é: <http://theadpositivityproject.zenfolio.com/all>, consultado em 20 de março de 2016.



Minha proposta inicial era problematizar a normalização dos corpos, das performances de gênero e das práticas eróticas, considerando os processos de silenciamento, apagamento, exclusão, violência e morte presentes nesse processo, fenômenos que, entendo, são inerentes a uma cultura de violência que hegemonicamente tem grassado neste país.

O movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros tem sido um daqueles que, de alguma maneira, se coloca contrariamente a esse processo, sobretudo por uma questão bastante objetiva, que é aquela de serem esses sujeitos objeto desta violência. Entanto, ao observarmos esse movimento e percebermos a hegemonia masculina nele presente, bem como a assimilação que, de forma cada vez mais inequívoca, pode ser percebida de padrões e valores elaborados pela sociedade heteronormativa, tais como corporalidades homogeneizadas, performances de gênero que optam pelo masculino, **ou**, pelo feminino, adoção da monogamia e transformação da sexualidade não monogâmica em algo abjeto, entre outros elementos, constatamos que estamos lançados em campo aberto, sem um mapa a seguir e sem caronas a tomar.

Em razão disso, me parece relevante buscarmos algumas pistas, como as experiências que congregam a diferença. Todas aquelas experiências em que sujeitos subalternizados em razão de sua erótica, sua performance de gênero, sua etnia, classe ou geração se voltaram e se voltam contra aquelas que são seus detratores precisam ser retomadas. E entendo que, mais recentemente, é possível perceber um maior grau

de radicalização nos embates que vêm do movimento transgênero em especial, mas também na organização dos efeminados, daqueles que ocupam a larga faixa de pobreza em nosso país, mostrando seus corpos e experimentando as suas eróticas, produzindo estética e politicamente a partir disso.

Quando o Brasil passa por uma séria crise e podemos ver a poeira que os grupos intolerantes e fascistas fazem no horizonte, eu convido Muriel, criada pela transgênera Laerte Coutinho, para rechaçar o que precisa ser lançado para trás, o que precisa ser ultrapassado, o que é arcaico e pernicioso (porque excludente e violento) em nossa sociedade. Porque, onde o masculino é pouco e o feminino é apenas parte, a junção de ambos nos serve para fortalecer a sociedade e nossa jovem democracia.



## Referências

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes – formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; LEITE, Serafim. *História da companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro: Portugália/Civilização Brasileira, 1938-1950; HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1992.

*Bíblia dos cristãos*, o livro do Gênesis, capítulo 19, versículos 1-29, e o Levítico, capítulo 20, os versículos 8-27.

CASTRO, Viveiros de. *Attentados ao pudor – estudo sobre as aberrações do instinto sexual*. Rio de Janeiro: Livraria Moderna, 1895, notadamente p. 179ss.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História – novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 17-48.

CÓDIGO PENAL DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL. Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, 1890.

DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval – a homossexualidade masculina no Brasil no século XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia Sexualis*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LANGLOIS, Charles-Victor & SEIGNOBOS, Charles. *Introdução aos Estudos Históricos*. São Paulo: Renascença, 1946.

MACEDO, Francisco Ferraz de. *Prophylaxia da Syphilis: da prostituição em geral, e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Acadêmica, 1873.

MAZZIEIRO, João Batista. Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos - São Paulo 1870/1920. *Revista Brasileira de História*. 1998, vol. 18, n. 35, p.247-285. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01881998000100012>, consultado em 18 de março de 2016.

MOTT, Luiz. *Escravidão, homossexualidade e demonologia*. São Paulo: Ícone, 1988; \_\_\_\_\_. *O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da inquisição*. Campinas: Papirus, 1988.

PIRES DE ALMEIDA, José Ricardo. *Homossexualismo (a libertinagem no Rio de Janeiro)*. Estudos sobre as perversões e inversões do instinto genital. Rio de Janeiro: Laemmert, 1906.

REVISTA GAY SERÁ recolhida das bancas. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada. 04 de junho de 1999. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq04069928.htm>, consultada em 20 de março de 2016.

RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e endocrinologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938, especialmente p. 85ss.

SANT'ANNA, Emílio. Deputados usaram fotos dos EUA para protestar contra gays no Brasil. *Folha de S. Paulo*. Poder. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/06/1641691-deputados-usaram-foto-dos-eua-para-protestar-contragays->

no-brasil.shtml. A fotografia acima, de Pedro Ladeira, foi retirada desta mesma matéria.

SARDINHA, Edson. Um homossexual foi morto a cada 28 horas no Brasil em 2013, diz pesquisa. *Congresso em foco*. 14 de fevereiro de 2014. Disponível em <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/relatorio-aponta-312-homossexuais-brasileiros-assassinados-em-2013/>, consultado em 15 de outubro de 2015.

SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS. Brasil. Relatório sobre violência homofóbica no Brasil; ano de 2012. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>, consultado em 16 de março de 2016.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3 ed. ver. ampl. São Paulo: Record, 2000. As imagens aqui utilizadas encontram-se na página 250 desta obra.

WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. *Revista USP*, n.º 65, mar./mai. 2005, São Paulo: USP, p. 210-224.

ZUFFI, Stefano. *Bosch – The garden of earthly delights*. New York: Antique Collecto-USA, 2012.